

DIFICULDADES DA PRÁTICA OU INSERÇÃO DOS ESPORTES DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL 2 EM ESCOLAS PÚBLICAS.

RODRIGUES, Evandro Augusto Rocha Tavares¹

VICENTE, Jones Ferreira²

RESUMO

O estudo a seguir tem como objetivo verificar quais as dificuldades de se inserir os esportes de aventura nas escolas públicas, e identificar quais os benefícios o conteúdo pode trazer aos alunos que vierem a praticar. Nos últimos anos os esportes de aventura (EA) tiveram um grande desenvolvimento, modalidades novas e talvez pouco conhecidas surgiram, trazendo consigo vários adeptos. A prática desses esportes traz uma série de benefícios ao praticante, entre elas estão interação com o meio ambiente, superação e o desafio. Ainda nesse contexto vendo esses esportes cada vez mais em ascensão e constando nas Diretrizes Curriculares, surgem novas possibilidades e atividades para a Educação Física Escolar. Porém com isso surgem também barreiras que dificultam a implementação desses esportes nas escolas. Este artigo busca mostrar quais as dificuldades e obstáculos do surgimento desses esportes nas escolas, e como pode ser feita a inserção deles (EA) nas aulas de Educação Física Escolar do ensino público.

PALAVRAS-CHAVE:

Esportes de aventura; prática; benefícios; educação física escolar.

1. INTRODUÇÃO

Os esportes vêm cada vez mais se desenvolvendo e se modificando, nas escolas cresce a necessidade de renovação dos conteúdos pedagógicos. Com isso aumentam as buscas por novas práticas pedagógicas nas aulas de educação física. Porém, para que se consiga inserir novos conteúdos nas escolas é preciso quebrar alguns tabus tais como, a limitação de esportes como handebol, futsal, basquete e vôlei. Outro fator que pode

¹ Acadêmico do 6º Termo do Curso de Educação Física – Licenciatura – da FIRA – Faculdades Integradas de Avaré-SP.

² Orientador. Professor da FIRA – Faculdades Integradas de Avaré-SP.

interferir é o fato de vivermos em um país de terceiro mundo, onde muitos ainda passam por algum tipo de carência (FRANCO,2008).

Os motivos para inserirmos os esportes de aventura nas escolas são muitos, dentre eles estão, ajustarmos a educação física com as propostas de preservação ambiental, tornar as aulas mais interessantes, tratar valores relacionados a cultura corporal do movimento e expor um conteúdo pouco aplicado muitas vezes nas escolas. Contudo, este estudo se propõe a discutir as dificuldades de inclusão dos esportes de aventura, tendo em foco as escolas de ensino público, e assim, buscar novas propostas para sua implantação com uma maior facilidade e conhecimento sobre o assunto.

Para esse fim, surgem assim, alguns questionamentos: por que isso ocorre? Qual a maneira para lidar com essas dificuldades? Como estão vinculados esses esportes no contexto de desenvolvimento do aluno? A dificuldade da inserção dos esportes de aventura nas escolas públicas se dá muitas vezes pela falta de verba do governo ou até mesmo falta do próprio estímulo do professor, isso ocorre de formas variadas seja ela falta de um espaço adequado (quadra ou ambiente aberto), ou falta de criatividade do professor para ministrar aquela aula utilizando-se dos materiais ou espaço disponíveis.

O presente estudo foi realizado através de pesquisa bibliográfica, sendo que a revisão foi feita em diversas fontes, tais como livros, artigos em periódicos especializados e bases eletrônicas de dados, com a finalidade de compreensão de assuntos relacionados à prática das Atividades de Aventura nas aulas de Educação Física escolar. Para Gil (2002), este tipo de estudo permite descrever características, “propriedades ou relações existentes na comunidade, grupo ou realidade pesquisada” (p. 62).

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Esportes de Aventura

Os esportes de aventura passaram a se tornar mais evidente a partir da década de 90 pela necessidade de procurar um ambiente no qual o homem pudesse interagir melhor com a natureza, e ter algumas alternativas de aventura. Tendo cada vez mais espaço em cursos e palestras que procuravam abordar esses novos esportes pela crescente procura que eles passaram a ter.

As atividades de aventura têm se notabilizado pela diversidade e número de adeptos, ainda mais pela própria divulgação dos meios de comunicação, tanto pela mídia ou pelas revistas especializadas, sendo cada vez mais abordados em cursos e palestras devido aos interesses dessas novas práticas que surgem como meio de lazer, esporte e educação. (CÁSSARO, 2011, p.8)

Ao estudar essas atividades os autores passaram a considera-los como uma válvula de escape para o estresse do cotidiano no dia a dia, já que eram praticados ao ar livre ou mesmo na natureza. Pouco a pouco foram se tornando esportes e caracterizados como esporte de risco, novo esporte e esporte sem regras, entre outros. Para Munhoz e Gonçalves Jr (2004, p.2) são usadas várias terminologias para definir essas atividades:

São muitas as nomenclaturas designadas a este tipo de atividade. A mais divulgada pela mídia é Esportes de Aventura, outros nomes comuns são: Esportes em Integração com a Natureza, Esportes Radicais, Esportes de Aventura na Natureza, Esportes Californianos, Esportes em Liberdade, Esportes Selvagens, Atividades Deslizantes de Aventura e Sensação na Natureza, Atividades Esportivas de Diversão e Turísticas de Aventura, Esportes Tecnológicos e Novos Esportes. Todas estas designações mostram alguma característica relacionada com as atividades desenvolvidas. (MUNHOZ E GONÇALVES JR 2004, p.2)

Fernandes (1998) destaca, os esportes de aventura podem ser considerados como conjunto de práticas corporais diferenciados por sua aproximação com a natureza ou interação com os obstáculos urbanos e por contestar os padrões antes estabelecidos. Em 2007 o Ministério do Esporte definiu, através de Resolução publicada no Diário Oficial da União, conceitos propostos por uma Comissão Nacional dos Esportes de Aventura sobre esporte radical e aventura. Atendendo assim a reivindicação do setor esportivo para melhor organização e desenvolvimento. Segundo os conceitos aprovados:

- O Esporte de Aventura - Compreende o conjunto de práticas esportivas formais e não formais, vivenciadas em interação com a natureza, a partir de sensações e de emoções, sob condições de incerteza em relação ao meio e de risco calculado. Realizadas em ambientes naturais (ar, água, neve, gelo e terra), como exploração das possibilidades da condição humana, em resposta aos desafios desses ambientes, quer seja em manifestações educacionais, de lazer e de rendimento, sob controle das condições de uso dos equipamentos, da formação de recursos humanos e comprometidas com a sustentabilidade socioambiental.
- Os Esportes Radicais - Compreendem o conjunto de práticas esportivas formais e não formais, vivenciadas a partir de sensações e de emoções, sob condições de risco calculado. Realizadas em manobras arrojadas e controladas, como superação de habilidades de desafio extremo. Desenvolvidas em ambientes controlados, podendo ser artificiais, quer seja em manifestações educacionais, de lazer e de rendimento, sob controle das condições de uso dos equipamentos, da formação de recursos humanos e comprometidas com a sustentabilidade socioambiental. Atualmente muitas modalidades dos ERAS são

divulgadas, e outras ainda em fase inicial de desenvolvimento e definição de regras, mas todas já podem ser divididas para melhor conhecimento e entendimento. De acordo com Uvinha (2001, p.22) “As modalidades de esportes radicais costumam ser classificadas, conforme o ambiente em que são praticadas, tanto aqui no Brasil como fora, como aéreas, aquáticos e terrestres”.

Os esportes de aventura ocupam hoje um lugar de destaque maior nas mídias e imprensas especializadas, com isso também aumentam os investimentos e patrocínios. Essa mudança de visão também precisa ocorrer nas escolas, pois é o espaço onde as transformações e necessidades contemporâneas devem acontecer e ser entendidas. O mais importante é que podemos trabalhar esses esportes em outras disciplinas, uma vez que para pratica-lo seria necessário um conhecimento maior em outras áreas como por exemplo, meio ambiente, ecologia, mercado e consumo, mídia entre outros. Cabendo a educação física analisar as práticas corporais em todas as áreas da sociedade.

2.2 Implementação.

A inserção dos “EA” deve ser feita por etapas, uma vez que o objetivo não seja apenas a vivencia ou contato com esses esportes, mas sim apresentar aos alunos quais serão as atividades desenvolvidas e os seus benefícios. Com isso o professor abrirá um leque de atividades que também possam se encaixar não apenas nas aulas de educação física, mas em outras matérias também.

Exemplo disso seria uma atividade onde a prática fosse o skate, pois como sabemos, as escolas de ensino público em sua grande maioria não disponibilizam esse material para professor e aluno, porém uma alternativa seria onde os alunos pudessem desenvolver o seu próprio skate com matérias básicos e de fácil acesso por exemplo em uma aula de artes, ou até mesmo entender como funciona o processo de locomoção do skate nas rampas em uma pista de skate, nas aulas de física.

Os esportes de aventura nem sempre significam esportes de conotação radical ou de risco, apenas os simples contatos dos alunos com a natureza também já representam essas atividades. Pensando nisso alguns projetos também podem ser elaborados como por exemplo uma caminhada ecológica que trabalharia a cognição propriamente dita, mas também nos âmbitos das competências intrapessoal (relação consigo mesmo) e interpessoal (relação de si mesmo com as outras pessoas).

Os esportes de aventura motivam os alunos, pois as atividades propostas trazem ao aluno novas vivências e experiências, como também uma sensação de liberdade e um certo risco controlado. Pereira e Armbrust (2010) acreditam que o fato dos esportes de aventura trabalharem a imprevisibilidade, a vertigem e as proezas heroicas, podem propiciar um ambiente propício, para que habilidades, capacidades e compreensões sejam desenvolvidos no seu aluno.

Nessa fase os alunos começam a desenvolver mais companheirismo e aproximação, buscando sempre o perigo e os (EA) podem ajudar de uma maneira simples com isso.

De acordo com Uvinha (2001), os esportes de aventura estão conectados diretamente com a criança e ao adolescente, por duas formas, a primeira consiste em atividades já realizadas pelos alunos costumeiramente, e na segunda maneira buscar o radical como ferramenta para que o aluno busque sua identidade, e possa experimentar a vida em grupos e a sensação de aventura, que não são exclusividades dessa fase da vida.

Os esportes de aventura proporcionam possibilidades de manifestação do elemento lúdico, da liberdade e do prazer, potencializando mudanças pessoais e sociais. Durante essas atividades, o corpo passa a ser um receptor e emissor de informações e não apenas instrumento de ação. A atividade corporal desperta novas sensibilidades e permite as experiências na relação do corpo com o meio.

A Educação Física, por meio das experiências nas atividades de natureza, desenvolve nos alunos suas habilidades motoras, capacidades físicas e, até mesmo, muitos fundamentos esportivos específicos. As corridas de orientação, por exemplo, assim como a caminhada, e outras atividades, podem ser utilizadas para satisfazer uma variedade de objetivos da Educação Física, pois solicitam diferentes níveis de desenvolvimento: coletivo (habilidades cooperativas e de comunicação), pessoal (autoestima), cognitivo (tomadas de decisão e resolução de problemas) e físico (aptidão e desenvolvimento de habilidades motoras).

Segundo o parâmetro curricular nacional (PCN) em (BRASIL,2000), quando chegam a uma fase mais adolescente os jovens acabam por perder o interesse pelas aulas de Educação física. Pereira e Armbrust (2010, p.29) afirmam que, “algumas dificuldades na fase da adolescência começam a propagar uma baixa autoconfiança e baixa autoestima”. Ou seja, os conflitos de identidade e algumas emoções contrastantes podem levar esses adolescentes a perda do interesse por atividades físicas, bem como o distanciamento das

aulas de Educação física, principalmente daqueles que expõem o indivíduo à situações que não domina.

Nessa fase, como aponta o PCN (BRASIL,2000), os alunos tendem a querer se afastar um pouco das quadras, procurando novos ambientes para explorar suas experiências corporais como, parques, clubes entre outros.

Segundo Bruhns e Marinho (2006), os (EA) formam um conjunto de atividades que acabam constituindo muitas situações motoras consideradas importantes pedagogicamente, por conta de valores, atitudes e normas, da aprendizagem de conceitos integrados em vários âmbitos do conhecimento, em decorrência de um processo interdisciplinar, e por meio de diversas experiências motoras com fortes elevações de adrenalina, pelas características dessas atividades com o meio natural.

Por outro lado, Dias (2004, p. 217) diz que;

Nas práticas esportivas tradicionais, os elementos performáticos obrigam que a organização de tais práticas siga os ditames excludentes da aptidão física. Isso explica o porquê em práticas dessa natureza é comum a separação por categorias, havendo uma profunda segregação quando se segue indiscriminadamente tais critérios. Já no caso dos esportes na natureza, o tempo/espaço de prática é comum a todos, independentemente do seu nível de aptidão física, já que este critério não é um elemento que orienta prioritariamente essas práticas.

Nesse sentido, segundo Pereira e Armbrust (2010), o risco atrai os adolescentes as práticas de aventura. O radical faz com que os adolescentes busquem novas sensações, nas quais a força tende a ser substituída pelo refinamento dos movimentos e controle do corpo.

Entretanto, nas escolas públicas sabemos que o professor tem apenas um espaço ou pouco mais que isso muitas vezes para aplicar suas atividades, uma quadra em questão. Porém, o que parece pouco pode oferecer muito aos esportes de aventura, que por muitas vezes podem ser adaptados nesses espaços. No caso bicicletas, patins ou até mesmo skate, podem ser incluídos nas aulas caso alguns alunos tenham uma vez que algumas das atividades desenvolvidas não necessitam diretamente do material para todos os alunos.

De acordo com Franco (2008), quando ocorrem atividades sobre rodas na quadra, pátio ou locais que estejam a disposição do professor, podem ser trabalhadas atividades uma vez que o professor consiga estabelecer alguns cuidados como: equipamentos de proteção, mesmo que sejam de fabricação do professor utilizando-se de matérias como papelão, luvas entre outros, delimitação do espaço na qual será realizada a atividade,

dividir os matérias com os colegas que não possuem, e também conceder funções aos que não estejam praticando ou devidamente equipados.

Dessa forma, o aluno poderá ter o primeiro contato com a modalidade, que segundo Pereira e Armbrust (2010), é o momento de experimentação do aluno. Ou seja, nesse momento o intuito é apenas para que o aluno possa vivenciar o tema em questão e possa explorá-lo, sem que haja um certo movimento ou técnicas aprimoradas do aluno para realizar as atividades.

Para isso o professor deve deixar o aluno a vontade, pois é nesse momento que o aluno irá se identificar com a modalidade, assim o professor terá em seguida que procurar uma situação problema para ser debatida em sala de aula.

Outro ponto a ser questionado é quando falamos em retirar os alunos do seu espaço pedagógico (escola), um dos primeiros questionamentos feitos principalmente pelos pais, é sobre o risco dos EA, ainda mais quando realizados fora da escola em um ambiente que não seja a quadra ou mesmo pátio da escola.

Por esse motivo é muito importante que os alunos sejam primeiramente bem informados sobre quais serão as atividades desenvolvidas, como é praticada, quais os meios de segurança a se utilizar (capacete, cotoveleiras) para que os alunos possam passar a seus pais uma maior segurança, e ainda, mostrar quais os benefícios que essas atividades podem proporcionar.

Segundo Giaretta (2003), estudar o meio estabelece uma conexão teórica e prática, fazendo com que o aluno possa continuar o processo de ensino que foi iniciado na sala de aula. Isso significa que a educação física pode contribuir para os estudos do meio (método de ensino interdisciplinar, pois tem como objetivo proporcionar aos alunos e professores o contato direto com determinada realidade). Segundo Franco:

Na perspectiva de área de conhecimento, a educação física escolar pode atuar também como agente fecundador desses “estudos do meio”, pois possui conteúdos significativos para isso. São pouquíssimo utilizados na escola, mas conseguem dar conta especificamente da abordagem dos temas relacionados ao meio ambiente e à natureza, sua preservação e desenvolvimento sustentável (FRANCO, 2008, p. 93).

Portanto, levar o aluno para um ambiente fora da escola oferece a ele um maior contato com o meio ambiente, uma vez que o adolescente, muitas vezes, não tem esse contato hoje em dia, pois passam muitas horas em frente ao computador ou vídeo game. Dessa forma, ele terá uma sensação diferente e talvez única. De acordo com Bruhns e

Marinho (2006) seja com risco aparente ou não quando feitos na natureza as atividades, nossos corpos tendem a ter ações não muito comuns, tais como se submeter a situações mais extremas utilizando sensações não muito utilizadas no dia a dia.

Talvez esse novo conteúdo não seja tão abordado nas escolas nos dias de hoje ainda, porém com um trabalho interdisciplinar, essas modalidades teriam uma melhor aceitação de pais, diretores e professores. Franco assegura que:

A popularização das atividades de aventura poderia ser muito mais efetiva se iniciada na escola, com o amparo, não só da educação física, mas de todos os possíveis canais interdisciplinares. As discussões sobre preservação e desenvolvimento sustentável, os aspectos geográficos e históricos dos locais de prática aventureira, as leis da física que envolvem várias das modalidades, entre muitas outras possibilidades, serviriam de alicerce para um grande projeto educativo dentro da escola (FRANCO, 2008, p. 92-93).

Portanto, os EA deveriam ser mais difundidos nas escolas, pois possivelmente despertariam também uma maior consciência ecológica, dado o contato com a natureza.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo examinar, identificar por meio da revisão bibliográfica, quais as contribuições da inserção dos esportes de aventura nas aulas de educação física do ensino fundamental 2. Foi possível notar as novas possibilidades que os esportes de aventura nos dão, para inovar nas aulas de educação física. Com isso espera-se encontrar uma nova possibilidade de inovar nas aulas de educação física, possibilitando novas experiências não só para os alunos, mas também para os professores, despertando maior interesse por parte dos alunos para os novos conhecimentos em questão.

Portanto, essas atividades podem contribuir para novas habilidades dos alunos tanto em sala de aula como também em seu cotidiano, em situações de risco. Trabalhando esse novo conteúdo podemos sair da rotina dos mesmos jogos e atividades e também das quadras, fazendo com que assim o aluno possa planeje novas estratégias e atividades. Essa função fica oportuna ao professor para que busque possibilidades e alternativas para as práticas dos esportes de natureza, seja fora ou dentro das escolas.

4. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília, DF, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencian.pdf>. Acesso em: 25/10/ 2019.

BRUHNS, Heloisa Turini; MARINHO, Alcyane. **Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza**. São Paulo: Manole, 2006.

CÁSSARO, E. R. **Atividades de Aventura, aproximações preliminares na rede municipal de ensino de Maringá**. Monografia. Curso de Graduação em nível de Especialização; Educação Física na Educação Básica, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em; http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_edfis_pdp_carlos_juliano_bet.pdf - Acesso em; 19/09/2019 - ISBN 978-85-8015-075-9 Cadernos PDE

DIAS, Cleber Augusto G. **Esportes na natureza e educação física escolar**. In: ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 8., 2004, Niterói. Educação Física e cultura. Niterói: [s.n.], 2004. v. 8, p. 215-218.

FERNANDES, R. C. **Reflexões para um estudo acadêmico**. Campinas. Conexões – Educação, Esporte e Lazer, v. 1, n. 1, 1998 (p. 96 105).

FRANCO, L. C. P. **A adaptação das atividades de aventura na estrutura da escola**. *Anais... 5º CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura*. São Paulo: Editora Lexia, 2010. Disponível em; <<http://www.efdeportes.com/efd190/atividades-de-aventura-como-conteudo-das-aulas.htm>>. Acesso em: 25/10/ 2019

_____. **Atividades Físicas de Aventura na Escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo**. [Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação Física]. Rio Claro (SP): Universidade Estadual Paulista. (2008) Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd211/atividades-de-aventura-de-educacao-fisica.htm>>. Acesso em: 18/10/ 2019

GIARETTA, Maria José. **Turismo da juventude**. São Paulo: Manole, 2003. p. 45-48. Gonçalves Jr (2004, p.2)

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2002.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor. **Pedagogia da aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola**. São Paulo: Fontoura, 2010. p. 13-55.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Juventude, lazer e esportes radicais**. São Paulo: Manole, 2001. p. 26 - Disponível em <<http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos-cientificos/o-esporte-de-aventura-nas-aulas-de-educacao-fisica>>. Acesso em: 12/09/ 2019